

**A SOCIOTERMINOLOGIA NO PROCESSO
DE ENSINO–APRENDIZAGEM EM CURSOS DA ÁREA
DE INFORMÁTICA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
CONSTATADA NO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE**

Sandro Reis Rocha Barros (IFF e UENF)

prsandroreis@gmail.com

Alessandra Rocha Melo (IFF)

amelo@iff.edu.br

Beatriz Araújo de Rezende Neves (UENF)

biazinhaarezende30@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um relato da experiência vivenciada entre professores e alunos dos cursos da área de informática ofertados pelo Instituto Federal Fluminense (IFF) – *Campus* Centro, da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. A motivação da presente pesquisa está no fato de que, ao longo dos anos, tem sido detectada por parte dos professores da área de informática do IFF, uma dificuldade dos alunos em aprender determinados assuntos das disciplinas ministradas, por causa da falta de conhecimento dos termos técnicos usados pelos professores, onde grande parte dos termos, origina-se em línguas estrangeiras. Verifica-se, na prática, que um mesmo conceito pode ser apresentado com terminologias diferentes, algumas com variações gráficas, morfológicas, regionais e socioprofissionais, sendo esta última, a que mais teve influência nos resultados encontrados nesta pesquisa. A socioterminologia, enquanto área da linguística que estuda as variações terminológicas, tem sua abordagem considerando os diferentes contextos sociais, linguísticos, situacionais e geográficos, fazendo uma ponte entre a terminologia e a sociolinguística variacionista. A metodologia usada tem como base de dados um *corpus* construído a partir de materiais didáticos usados pelos professores, bem como os materiais escritos produzidos pelos alunos, tais como relatórios, avaliações escritas, etc. A principal proposta desta pesquisa é a construção de um glossário que possa servir de padrão de terminologias a ser usado em salas de aula no processo de comunicação entre professores e alunos.

Palavras-chave:

Comunicação. Socioterminologia. Ensino–aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents an account of the experience of teachers and students of the computer science courses offered by the Fluminense Federal Institute (IFF) – *Campus* Centro, in Campos dos Goytacazes-RJ. The motivation of the present research is the fact that, over the years, it has been detected by the teachers of the IFF informatics area, a difficulty of the students to learn certain subjects of the taught subjects, due to

the lack of knowledge of the terms used by teachers, where most of the terms come from foreign languages. In practice, the same concept can be presented with different terminologies, some with graphic, morphological, regional and socio-professional variations, the latter having the most influence on the results found in this research. Sociotherminology, as an area of linguistics that studies terminological variations, has its approach considering the different social, linguistic, situational and geographical contexts, bridging the gap between terminology and variational sociolinguistics. The methodology use disbased on a corpus built from teaching materials used by teachers, as well as written materials produced by students, such as reports, written assessments, etc. The main purpose of this research is the construction of a glossary that can serve as a standard of terminology to be used in classrooms in the process of communication between teachers and students.

Keywords:

Communication. Sociotherminology. Teaching-learning.

1. Introdução

O processo de ensino–aprendizagem e a comunicação entre professor e alunos estão intimamente relacionados e intrincadas. Dentre as tendências pedagógicas mais recentes, algumas apresentam uma abordagem com o foco no pensar, no refletir e no fazer do professor, como por exemplo, a abordagem cognitivista. Nesta abordagem, segundo Mizukami (1986, p. 59), percebe-se a aprendizagem de maneira científica, como um construto que se obtém a partir de fatores externos intrínsecos ao meio. Assim, uma atenção importante precisa ser dada às relações sociais, nas quais estão envolvidos temas de grande relevância, como a linguagem, principalmente a linguagem usada pelo professor durante o processo de ensino. Na abordagem cognitivista, o professor, em sua tarefa de planejar os conteúdos, deve levar em consideração as limitações de vocabulário de seus alunos, principalmente, no emprego de uma terminologia que seja compreendida por eles. Ao se considerar a área técnica de informática, cujo desenvolvimento tecnológico tem se realizado, em sua grande maioria, por países de língua estrangeira, principalmente a língua inglesa. Sendo assim, a transferência de tecnologia e, por consequência, o processo de ensino–aprendizagem nessa área, apresenta um enorme espectro de termos em língua estrangeira, e ainda outros, que foram “aportuguesados” durante o processo de transferência de tecnologia conforme as necessidades e características dos ambientes de trabalho, bem como de ensino, e também, de acordo com a região geográfica onde tais termos começaram a serem utilizados.

No caso das terminologias na área técnica, embora essas variações sejam detectadas, em sua maioria, por seu aspecto socioprofissional, ve-

rificam-se ocorrências também em seus aspectos gráficos, morfológicas e regionais. É importante ressaltar que alguns desses termos, foram sofrendo um processo de “aportuguesamento” de acordo com a região e a formação escolar das pessoas envolvidas no processo, fato esse que caracteriza um movimento de variação linguística que pode e deve ser refletido sob os aspectos da sociolinguística, confluindo os estudos para uma pesquisa centrada na socioterminologia.

Assim sendo, encontra-se na socioterminologia, um dos métodos mais adequados para se pesquisar essas variações e mudanças que ocorrem numa língua, quando a pesquisa tem por foco e objetivo, a análise de termos técnicos usados numa determinada área de conhecimento.

Segundo Barbosa (2001), devemos classificar os termos segundo os níveis de atualização da língua. Para isto, existem os dicionários, os vocabulários e os glossários. Foi descartada a hipótese de construção de um dicionário, pois este se enquadra no nível do sistema e trabalha com todo o léxico disponível. Assim, uma vez que os vocabulários se encontram no nível da norma e os glossários se encontram no nível da fala, manifestando-se através de palavras de um determinado texto, esta pesquisa optou pela proposta de se construir um glossário de termos técnicos da área de informática, tendo como universo de pesquisa, a comunidade falante do Instituto Federal Fluminense vem acrescentar valor ao campo da filologia, mais especificamente à área da linguística aplicada à educação. Este artigo é um relato de uma experiência na qual se verificou uma demanda no processo de ensino-aprendizagem e que, através da socioterminologia, procurou-se um caminho para atendê-la, contribuindo assim, para um melhor desenvolvimento das atividades educacionais numa instituição de ensino, e que poderá ser aproveitada em outras instâncias onde for conveniente sua aplicação.

2. Fundamentação teórica

2.1. Terminologia

A área da Terminologia enquanto disciplina, foi primeiramente tratada após a Segunda Guerra Mundial, através da implementação de um projeto, que, por meio da pesquisa de Eugen Wüster, haveria de propor um grande dicionário técnico em inglês e francês, ainda apresentando um suplemento em alemão. De acordo com Maciel (2007, p. 372), Wüster

propunha a superação da polissemia e as imprecisões da linguagem técnica e científica. O resultado de sua pesquisa foi a elaboração de um glossário, cujo objetivo era assegurar a padronização dos termos usados na ciência e na técnica. Após Wüster, muitos pesquisadores têm dado relevantes contribuições nesta área.

Finatto (1996), definiu Terminologia como um prolongamento temático da Linguística Aplicada que se ocupa do fenômeno da designação nas línguas de especialidade. O conceito de terminologia segundo Krieger e Finatto (2004) está relacionado aos termos especializados de uma determinada área, mas pode também ser usado para se referir a um campo de estudos ou disciplina.

Existem três teorias principais que convergem para a terminologia, fazendo dela um conjunto interdisciplinar: a Teoria do Conhecimento, a Teoria da Comunicação, e a Teoria da Linguagem. A terminologia também pode ser analisada sob os aspectos da transdisciplinaridade, uma vez que penetra em praticamente todas as áreas profissionais, tanto no meio acadêmico, como no mercado de trabalho, e segundo Cabré (1993), os conceitos empregados nas atividades de todas as áreas, sejam técnicas, científicas ou artísticas possuem procedimentos que não podem ser dispensados ou desconsiderados.

A área da Terminologia também pode ser compreendida segundo a visão de Sager (1993), como um campo de estudo ou de atividade relacionado à tarefas como: descrição, compilação, processamento de termos, enquanto itens lexicais pertencentes à algumas áreas que fazem seu uso de maneira especializada, não importando suas línguas. Para Sager, Terminologia, enquanto estudo, é uma teoria descritiva que explica as relações entre termos e conceitos.

A área da Terminologia também recebeu influências e contribuições de Faulstich (1995), que faz uma abordagem da terminologia voltando-a para a observação dos termos em seus contextos de uso, tanto pela língua oral, como pela língua escrita. Desse modo, é possível encontrar variantes de um mesmo termo, tanto em contextos iguais, como diferentes, pois seguindo a visão de Faulstich, Terminologia faz parte da língua, a qual tem por natureza, um caráter social e heterogêneo.

2.2. Socioterminologia

Segundo Gaudin (1993), a socioterminologia tem se tornado um

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

campo de estudos da linguística originado pelas dúvidas com relação aos efeitos que derivam das visões normalizadoras e utilitárias da terminologia. Faulstich (1995) define a Socioterminologia como sendo a disciplina que estuda a identificação e a categorização dos termos e suas variantes linguísticas, considerando os contextos e circunstâncias diferenciadas em que a língua é usada, principalmente, o meio social e suas características etnográficas.

A socioterminologia também trata das atividades terminológicas e terminográficas, configurando-se, assim, como análise crítica do discurso da terminologia” (SILVA, 2019, p. 156)

Sendo assim, verifica-se na socioterminologia, uma ótima ferramenta científica que possibilita fazer uso da linguagem de forma mais significativa no processo de ensino–aprendizagem, ao se levar em conta o ambiente e os sujeitos que farão uso de alguns termos técnicos que são comuns numa determinada área de conhecimento, porém desconhecido dos estudantes desta área. De uma maneira mais pragmática, entende-se que a socioterminologia possibilita a compreensão dos termos específicos dentro do contexto social em que estes termos são usados, fazendo com que os usuários (professores e estudantes) passem a ter propriedade do vocabulário técnico do qual fazem uso.

2.3. Teoria da Variação

Embora Willian Labov tenha dado uma grande contribuição com sua teoria da variação aplicada à sociolinguística, outros nomes aparecem no cenário da pesquisa no campo da teoria da variação em terminologia.

Para Wüster (1998, p. 17-8), toda variação da unidade linguística se denomina variação linguística. Estas variações podem ser construídas pelo aparecimento de sinônimos ou homônimos de variação. Wüster faz distinção entre a variação monolíngue e interlíngue, sendo a primeira, com origem na regionalidade ou na relação entre campos temáticos, e a segunda tendo sua origem quando termos diferentes são usados para designar um só conceito, mesmo que em línguas diferentes. Na sua visão, seria necessário eliminar as variações usando um critério para normatização dos termos, objetivando a expansão das tecnologias e também o intercâmbio de informações. Assim, para Wüster, as variações podem ser definidas dentro de uma área de especialidade como unidades biunívocas e monorreferenciais.

Outra grande contribuição no campo da teoria da variação terminológica foi dada por Enilde Faulstich, o qual sugere que “o princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam” (FAULSTICH, 1995, p. 8). Portanto, variantes terminológicas acontecem porque algumas comunidades fazem usos diferentes de um mesmo termo, isto por causa das suas diferenças no aspecto social, linguístico e/ou regional (geográfico).

Segundo Faulstich (1995), existem alguns tipos de variantes que são mais comuns nos corpora de terminologias, tais como: gráfica, lexical, morfossintática, socioprofissional, topoletal (geográfica).

A variante gráfica ocorre quando o registro escrito ou oral aparece diferente em outro(s) contexto(s), por exemplo, “hidrelétrico” e “hidroelétrico”. A variante lexical acontece quando o item lexical ou parte dele pode ser trocado por outro, sem que o significado terminológico seja alterado, por exemplo, “linguagem de máquina” e “linguagem assembly”. A variante morfossintática ocorre quando o conceito não se altera por causa de alternância de elementos gramaticais, principalmente nos sintagmas terminológicos, como “gradiente do erro local” e “gradiente local do erro”. A variante socioprofissional ocorre quando o conceito e o significado não se alteram em função da mudança dos registros, por exemplo, “capacitor” e “condensador”. E por último, a variante topoletal ou geográfica, cujo conceito e o significado não se alteram em função da mudança de registro no plano horizontal da língua, por exemplo, *notebook* e *laptop*.

Faulstich (2001, p. 11-40), propõe a formulação de um esquema básico de variação, com base em cinco postulados que ela criou para a teoria da variação. Esses postulados possuem, num plano superior, três categorias: variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas. Tais categorias são subdivididas num plano inferior, em três subcategorias: variante formal, sinônimos e empréstimos.

Os cinco postulados elaborados por Faulstich em sua teoria da variação em terminologia foram apresentados, primeiramente, no ano de 1998, no XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Faulstich considerou que cada termo, enquanto unidade terminológica, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência” (FAULSTICH, 2002, p. 76). De acordo com Cruz

(2011), os cinco postulados são:

- a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada;
- b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;
- d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;
- e) análise da terminologia em co-textos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral. (CRUZ, 2011, p. 105)

Estes postulados darão sustentação à definição dos três tipos de variantes propostos por Faulstich (2002) conforme a seguir.

As variantes concorrentes são formais, e portanto se classificam entre variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. Elas podem concorrer entre si, ou concorrerem para uma mudança. Elas nunca aparecem juntas no plano discursivo.

As variantes coocorrentes se caracterizam por aparecem ao mesmo tempo, dando duas ou mais denominações para um mesmo referente possuindo, assim, equivalência no conteúdo, formalizando a sinonímia dos termos. Elas promovem a coesão lexical na mensagem fazendo o discurso progredir.

As variantes competitivas acontecem quando os termos são de línguas diferentes, ou seja, as lacunas de uma língua são preenchidas com termos de outra língua. É justamente essa mistura entre as línguas que ativa o processo de variação. Nesses casos, verifica-se a presença de pares formados por empréstimos linguísticos e outras formas vernaculares. Nos casos em que a língua natural é o português, as variantes competitivas são as que promovem o processo de “aportuguesamento” através dos empréstimos de uma língua estrangeira.

O modelo de Faulstich está representado na figura 1 abaixo:

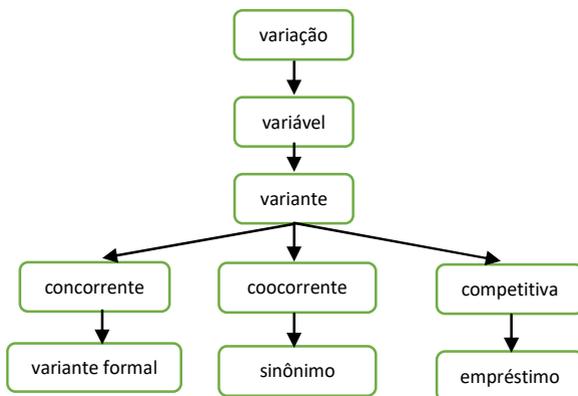


Figura 1. Modelo de variação proposto por Faulstich.

3. *Metodologia*

A pesquisa aqui relatada é qualitativa, de caráter documental, de levantamento bibliográfico e de campo. A metodologia usada tem como base de dados um corpus construído a partir de entrevistas com professores e alunos, bem como materiais didáticos produzidos e usados tanto pelos professores como pelos alunos. Os professores da Coordenação dos Cursos de Informática contribuíram fornecendo os termos usados nas suas aulas classificados individualmente por disciplinas. Os alunos do curso de informática também contribuíram escrevendo relatos de suas dificuldades com os termos técnicos da área.

Para atender aos critérios científicos e assim, validar-se uma pesquisa em socioterminologia, é preciso identificar e conhecer o perfil do usuário do conjunto de termos a serem analisados. Desse modo, o corpus construído na fase de coleta de dados da pesquisa deve ter objetivar a pragmática linguística das pessoas envolvidas no contexto desta pesquisa e, sobretudo, conter informações lexicais e semânticas referentes à área pesquisada, que no caso deste artigo, se concentra na área de Informática.

Os termos inseridos no corpus devem ser descritos com as características linguísticas do ambiente onde acontece o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a sala de aula, o laboratório, as redes sociais exclusivas às atividades de ensino. Deve-se observar os usos das terminologias e buscar as variantes linguísticas. É importante ressaltar que no

desenvolvimento desta pesquisa, a delimitação do corpus foi feita considerando a existência de macroáreas e subáreas do conhecimento, inclusive, especializando os termos categorizando-os por disciplinas onde são utilizados, e definindo-se assim, o universo terminológico a ser sistematizado e classificado.

Outra tarefa é identificar a dimensão de um termo que se compõe de mais de uma unidade. De acordo com Castilho (1994), cada item lexical repleto de significado é denominado de predicador semântico, o qual deve ser associado às unidades terminológicas complexas (UTC) encontradas na pesquisa. Assim, cada UTC possui um predicador, o qual se constitui de um núcleo semântico que é sempre um substantivo em conjunto com um advérbio, ou um adjetivo, ou ainda, uma locução iniciada por um preposição. O predicador é responsável por transferir ao seu sujeito uma propriedade sua, a qual poderá ocorrer de três maneiras: “(1) a emissão de um juízo sobre o valor de classe-sujeito, (2) a alteração da extensão dos indivíduos designados pela classe-sujeito, ou (3) a alteração das propriedades intencionais da classe-sujeito.” (FAULSTICH, 1995, p. 4).

Verificou-se que a área de Informática possui algumas características terminológicas especiais, que são: (1) siglas e acrônimos são constantes e também usados na criação de novos termos derivados; (2) os neologismos são muito recorrentes, e a maioria deles vem de empréstimos da língua inglesa; (3) as lexias possuem estruturas que aparecem na forma simples, composta e complexas.

Para se fazer a análise socioterminológica, é importante que a área em estudo seja classificada por categorias e subáreas, conforme exemplo apresentado na figura 2, que demonstra o que foi feito na pesquisa aqui relatada.

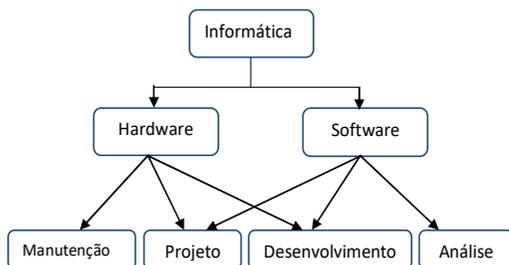


Figura 2: Modelo de classificação da área de Informática.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para aumentar o nível de profundidade da análise, foi feito um levantamento das disciplinas do Curso Técnico de Informática do Instituto Federal Fluminense e suas respectivas classificações por categorias e subáreas da Informática conforme mostrado na figura 3.

CATEGORIAS	SUBÁREAS	DISCIPLINAS
SOFTWARE	Projeto	leitura e Interpretação de Projetos
		Configuração e Administração de Servidores e Suporte Remoto
	Desenvolvimento	Fundamentos de programação e Estrutura de Dados
		Programação WEB e Mobile
		Categorias e Instalação de Software e Sistemas Operacionais
		Programação Orientada a Objetos
	Análise	Fundamentos de Banco de Dados
		Empreendedorismo, Gestão da Tecnologia da Informação e SMS
	HARDWARE	Manutenção
Projeto		Eletricidade e Eletrônica
		Sistemas Digitais e Arquitetura de Computadores
		Redes de Computadores
		Sistemas Embarcados

Figura 3: Quadro das disciplinas técnicas do Curso Técnico de Informática do Instituto Federal Fluminense.

A metodologia de pesquisa em socioterminologia indica a criação de um modelo padronizado dos registros dos termos, bem como suas variantes e significados num *corpus* através de uma ficha de socioterminologia conforme a figura 4 abaixo.

Termo:	Categ. Gramatical:	Nº no <i>Corpus</i> :
Termo por extenso:	Subárea da Informática:	
Forma Equivalente:	Disciplina:	Fonte do conceito:
Contexto 1:	Conceito 1:	Prof. () Aluno ()
Contexto 2:	Conceito 2:	Prof. () Aluno ()
Contexto 3:	Conceito 3:	Prof. () Aluno ()
Conceito Final:		

Figura 4. Modelo de ficha socioterminológica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os termos analisados no corpus deram origem a um glossário que poderá ser acessado por meio de duas entradas: o nome do termo que se deseja pesquisar, ou a disciplina para a qual se deseja estudar os termos técnicos nela usualmente empregados.

A título de exemplificação e ilustração, seguem algumas amostras de termos categorizados por suas disciplinas e subáreas.

a) Disciplina de “Categorias de instalações de software e sistemas operacionais” (categoria: Software e subárea: Desenvolvimento):

* ANSI (Lê-se: ânci) – Sigla do American National Standard Institute. Instituto Nacional Americano de Padrões.

* ASCII (Lê-se: askii) – Sigla do American Standard Code for Information Interchange. Trata-se de um código Americano Padronizado para Intercâmbio de Informações.

* Backup (Lê-se: bekâp) – É uma cópia de segurança. Trata-se de um empréstimo da língua inglesa para se referir ao procedimento de se copiar dados em um meio separado do original, com o objetivo de poder recuperá-los, caso haja algum problema durante a operação do sistema.

b) Disciplina de” Rede de Computadores” (categoria: Hardware e subárea: Projeto) :

* Backbone (Lê-se: béquebone) – É um meio físico que conduz um grupo de dados provenientes de vários ramais de comunicação, e por isso, deve ter alta velocidade de transmissão. São usados como uma espinha dorsal de grandes redes.

* FTP (Lê-se: f t p) – File Transfer Protocol – A tradução é Protocolo de Transferência de Arquivo. É o serviço da internet que possibilita a transferência de arquivos.

c) Disciplina de” Manutenção de Computadores” (categoria: Hardware e subárea: Manutenção):

* Chip – (Lê-se: chip) – Componente eletrônico que fica instalado nas placas dos equipamentos e que possui uma finalidade específica. É constituído de milhares de microcomponentes como transistores e etc. Seu tamanho físico varia entre 1 a 5 cm.

* CGI-(Lê-se: cgi) – Sigla do Common Gateway Interface. Interface de porta de entrada comum. É um elemento que faz a ligação física

e/ou lógica entre dois sistemas que não podem ser ligados diretamente.

d) Disciplina de “Fundamentos de Banco de Dados” (categoria: Software e subárea: Análise):

* Data Base – (Lê-se: database) – Empréstimo do inglês que se traduz por “base de dados”. Trata-se de um grupo de informações referentes a um assunto em comum, permitindo um acesso fácil e rápido.

* BDE – (Lê-se: b d e) – Sigla de Borland Database Engine. Significa Motor de Banco de Dados desenvolvido pela empresa Borland. É um mecanismo de acesso a Banco de Dados.

4. Resultados e considerações finais

Durante a fase de coleta de dados desta pesquisa, verificou-se uma grande motivação tanto por parte dos professores como dos alunos, fato este, que sugere a real necessidade da criação do glossário socioterminológico com enfoque na área específica de interesse desta comunidade acadêmica.

Um fato importante a ressaltar foi o despertar do interesse por parte dos professores do curso, no sentido de dar maior atenção à terminologia usada em suas aulas, na comunicação com os alunos. Antes, tais professores não tinham o devido cuidado em verificar se os termos técnicos, por eles usados já eram de domínio dos alunos. Verificou-se que a maioria dos alunos não conheciam os termos, o que dificultava o processo de ensino–aprendizagem.

Esta pesquisa possibilitou a constatação da existência de vários glossários de termos em Informática, porém, verificou-se uma experiência nova, que foi a construção de um glossário específico para cursos da área de informática de uma Instituição que atende a um público com características sociais e regionais específicas.

Em sua fase final, a pesquisa resultou na construção de um glossário com um número de 120 termos, o qual será disponibilizado para a comunidade acadêmica, primeiramente no formato impresso, e posteriormente, no formato digital, através de um aplicativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologias e aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Imporeis, 1993.

CASTILHO, Ataliba T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. In: *ALFA*, Revista de Linguística, São Paulo, UNESP. V. 38, 1994, pp. 75-96.

CRUZ, C. L. S. O Constructo de Faulstich para a Variação das Unidades Terminológicas Complexas. In: *Confluência*, revista do Instituto de Língua portuguesa. Rio de Janeiro, n. 1-42 (2317-4153), p. 96-126, Dez. 2011.

GAUDIN, F. *Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Publications de l'Université de Rouen, 1993, 254 p.

FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 36p.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: *Ciência da Informação*, V. 24, n. 2, 1995 – Artigos.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. In: *TradTerm*: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – V. 7 – USP. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Variação em terminologia. Aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, G.G.; LAGOS, M.F.P. *Panorama actual de la terminologia*. Editorial Comares, Granada, 2002.

FINATTO, M. J. B. Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia. In: *Revista Internacional de língua Portuguesa*. Lisboa, Associação das Universidades de Língua portuguesa, p. 64-68.

KRIEGER, M. T.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MACIEL, A. M. B. Quais são os Rumos da Terminologia no Século XXI?. In: ISQUERDO, A.N.; ALVES, I. M. *As Ciências do Léxico: lexi-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cologia, lexicografia, terminologia, volume III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

MIZUKAMI, M. da G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

SAGER, J. C. *Curso práctico sobre el procesamiento de laterminología* [Trad. Del inglés, Laura Chumillas Moya], Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid, Pirámide, 1993. 448 p.

SILVA, José Pereira. A terminologia como base para um dicionário linguístico-gramatical. In: *Revista Philologus*, Ano 25, n. 73. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2019.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. 1998.